

BENTO PRADO JUNIOR E A FILOSOFIA VIVIDA

*Débora Cristina Morato Pinto**
deboramp@power.ufscar.br

Bento Prado Junior nos deixou em 12 de janeiro de 2007, tendo dedicado grande parte da sua vida à filosofia. Leia-se filosofia, aqui, como a reflexão constante e fina sobre temas e conceitos caros à história da filosofia em sua interface com as ciências humanas. De uma forma muito especial, o campo em que se movia ao refletir é mais fielmente circunscrito pela convergência entre a filosofia e a literatura. Sua meditação filosófica foi sempre aberta, complexa e de uma riqueza inestimável. Sua conversa filosófica, invariavelmente estabelecida ao redor de uma mesa e permeada de poesia, humor e *performances* artísticas, era fascinante e divertida, cativando inúmeros alunos, colegas, amigos, adversários, leigos e especialistas. Mais que isso, Bento tinha uma enorme capacidade de nos surpreender, de revelar em cada canto das obras filosóficas dimensões insuspeitadas, relações originais e recriações implícitas de conceitos dispostos no tempo lógico. Tive a oportunidade de conviver com ele a partir de três perspectivas distintas – como leitora de sua obra canônica *Presença e campo transcendental*; como aluna em cursos e nas avaliações de meu mestrado e meu doutorado, ambos sobre Bergson; como colega de departamento por cinco anos. Em cada uma dessas situações, tive o prazer de contar com sua generosidade, sua elegância e sua inteligência excepcional. Ressalto aqui algumas lições dessa convivência.

Ao freqüentar um curso por ele ministrado no início dos anos 1990, tomei contato com o crescente interesse de Bento – que nadara até então nas águas da fenomenologia francesa e do bergsonismo, tendo passado significativamente por Rousseau e pela psicanálise –, por um pensamento que fincava pé na

* Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências – Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

lógica: o tema do curso era “Bergson e Wittgenstein”. E naquelas aulas aprendia-se como superar oposições artificialmente construídas pelo saber institucionalizado, pautadas por dissensões políticas e mesmo geográficas. Logo se descobria a fragilidade da alternativa “filosofia da linguagem X filosofia da consciência”, denunciada pela ironia leve e pelo sorriso de quem olhava a má posição de um problema filosófico do alto de uma sabedoria que lhe permitia, inclusive, ter compreensão com a ingenuidade alheia. Ali também tomei contato com suas reflexões sobre um tema que ele não abandonou até o fim, a ipseidade e suas formas de expressão. Enfim, levei daquele curso para o horizonte de meu trajeto a fértil lição de que, afinal de contas, o mundo da vida e o mundo da linguagem são o mesmo. Além disso, pude usufruir de um meio acadêmico ímpar, delineado pela relação entre o mestre e os alunos e marcado pelo respeito, pelo diálogo e pela fidelidade às próprias intenções intelectuais e pessoais. Na verdade, o que ele nos dizia nas entrelinhas era isso: abraçar a filosofia só vale a pena se você puder ser fiel a si próprio. E isso a despeito do que ocorre a partir da incorporação do ideal de profissionalização aos moldes do capitalismo americano pela universidade brasileira, incluindo a valorização quantitativa, senão massificação, da produção acadêmica e o incentivo à competitividade excessiva. Ser fiel aos próprios desejos podia parecer velharia numa época tão pragmática, uma relíquia existencialista datada... Mas essa era a preciosidade adquirida, enfrentar o desafio contra a própria corrente e o espírito do tempo: assim como a gravata borboleta, os ternos com os quais ia dar aulas no calor de São Carlos, o chapéu e a bengala, marcas da sua elegância extemporânea. A fidelidade a si mesmo se expressava na sua figura e nas suas palavras.

A leitura de *Presença e campo transcendental* impulsionou o percurso de quase todos os pesquisadores brasileiros sobre Bergson. Aqui, levávamos vantagem: a única obra de interpretação do filósofo francês até então comparável ao livro de Bento talvez fosse o Bergsonismo de Deleuze. Sua principal contribuição consistiu em revelar aspectos essenciais, mas até então negligenciados pela literatura corrente sobre o pensamento de Bergson, através da exposição detalhada e sagaz do vínculo intrínseco entre crítica do negativo e ontologia da presença. Ao tomar essa ligação como fio condutor de sua leitura, posicionou-se contra uma interpretação realista estrita da noção de duração e desautorizou as polémicas superficiais sobre o espiritualismo de Bergson. Através de uma escrita segura e muito elegante, que faz jus a um filósofo a quem foi concedido o Nobel de literatura, Bento nos conduz a percorrer as três obras bergsonianas capitais a partir do estudo das ilusões da razão denunciadas no último capítulo de *A evolução criadora*. Ao tomar

como alicerce dessa leitura a noção de campo transcendental, estabelece uma análise de enorme relevância para a recuperação do sentido mais essencial da filosofia de Bergson, assim como para bem determinar sua inserção no debate contemporâneo, que se explicita no espaço de convergência e confronto com a tradição fenomenológica. Se, em larga medida, o livro deu a tônica do contexto filosófico em que o estudo de Bergson se moveria no Brasil, marcado pela ênfase na análise dos “aspectos transcendentais” da filosofia da duração, sua publicação na França inverteu o sentido mais comum do diálogo franco-brasileiro: imediatamente após sua tradução, passou a ser obrigatória e sistematicamente citado em artigos e debates franceses em torno de Matéria e Memória e das relações entre a intuição bergsoniana e a fenomenologia. Lamentem-se apenas os longos intervalos entre sua redação (1964), sua publicação no Brasil (1989) e sua posterior tradução e publicação na França (2002), esta última em consequência de um acaso biográfico que permitiu a um renomado fenomenólogo poder compreender o alcance e o rigor das análises de Bento, bem como a sua admirável escrita – Renaud Barbaras, o tradutor do livro para o francês, falava perfeitamente a nossa língua e era freqüente consumidor da boa literatura brasileira. A história de *Presença e campo transcendental*, aliás, ilustra, por si só, as agruras de escrever sobre filosofia em português, língua marginal no debate acadêmico mundial.

Mas foi nos últimos anos que pude observar de perto a atuação de Bento no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, acompanhando-o nas diversas atividades cotidianas do fazer filosófico no ambiente universitário. E só então pude compreender de fato a densidade de sua presença. Aliando uma invejável capacidade de trabalho ao amor pela boemia, o professor propiciava aos colegas, funcionários e alunos uma convivência alegre e um aprendizado constante. A defesa da fidelidade a si e da liberdade era praticada nas orientações de teses e nas deliberações dos procedimentos e regras institucionais; a profundidade de sua reflexão era compartilhada através da docência que fascinava os alunos e atraía ouvintes de todos os tipos; o convívio social e afetivo sempre em torno da filosofia funcionava como tempero e alento em meio às dificuldades da pesquisa e do exercício da reflexão no contexto da universidade brasileira. Poder trabalhar com filosofia e ouvir Bento cantando ópera, imitando artistas de cinema, recitando a *Divina Comédia* de cor em italiano, emocionando-se com as canções de Chico Buarque, contando histórias deliciosas do passado e do presente, enfim, celebrando a vida e a arte, a poesia e a filosofia, foi um enorme privilégio. Por isso mesmo, sua morte ensina o que pode ser o peso de uma ausência e nos deixa a imensa responsabilidade de zelar por seu legado.